



REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO SEMIÁRIDO: PRÁTICAS CONTEXTUALIZADAS DE CONVIVÊNCIA A PARTIR DA PROPOSTA DECOLONIZADORA DA COOPERCUC EM UAUÁ-BA.

Viviane Brás dos Santos; Adriana Olívia da Silva; Pedro Paulo Souza Rios; André Ricardo Lucas Vieira

Universidade do Estado da Bahia - UNEB. vivianebras.pedagogia@gmail.com; adriel.olivia@hotmail.com; peudesouza@yahoo.com.br; sistlin@uol.com.br

Resumo

Este trabalho apresenta o resultado de uma visita acadêmica realizada em Uauá - BA, sob a coordenação do Programa de Pós-graduação – Mestrado em Educação, Cultura e Território Semiárido - PPGESA, Campus Juazeiro – UNEB. Fomos motivados a refletir de forma que pudemos analisar as representações sociais do semiárido a partir das experiências vivenciadas pela COOPERCUC. Respaldados na teoria das representações sociais e aprofundamentos teóricos sobre educação contextualizada no semiárido, propomos discussões motivando-nos a repensar sobre as concepções estereotipadas e preconceituosas que ainda são divulgadas e impostas nos diversos espaços e territórios do Nordeste e Brasil em relação ao semiárido. Fundamentados na abordagem da pesquisa qualitativa, buscamos através da observação participante e rodas de conversas com registros nos diários de bordo, colher os dados necessários para nossas análises. Destarte, conseguimos de forma significativa identificar que a os agricultores e agricultas da COORPERCUP, têm representações sociais contextualizadas positivas do SAB, resultantes de suas experiências cotidianas, cujos atores sociais estão vivenciando um momento de decolonização através de ações pautadas na educação contextualizada.

Palavras-chave: Representações sociais, Educação contextualizada, Convivência com o semiárido.

Abstract

This paper presents the results of an academic visit held in Uauá-BA, under the coordination of the Graduate Program - Master of Education, Culture and Semi-Arid Land - PPGESA, Campus Juazeiro - UNEB. We were motivated to reflect so that we could analyze the social representations of the semi-arid from the experiences lived by Coopercuc. Supported the theory of social representations and theoretical insights on contextual education in the semi-arid region, we propose discussions motivating us to rethink the stereotypical and prejudiced views that are still published and placed in different rooms and territories in the Northeast and Brazil in relation to semi-arid. Based on the qualitative research approach, we seek through participant observation and wheel conversations with records in logbooks, collect the data needed for our analysis. Thus, we can significantly identify the farmers and agricultas of COORPERCUP have positive contextualized social representations of the SAB, resulting from their everyday experiences, whose stakeholders are experiencing a moment of decolonization.



Keywords: Social representations , contextualized education, coexistence with the semiarid region.

Introdução

O contexto histórico em que está inserido o processo educacional brasileiro nos faz perceber fatores danosos (exclusão e dominação) que deram suporte à nossa educação desde o período colonial até os dias atuais. Dessa forma fica evidente que o modelo de sociedade do qual fazemos parte tem sua gênese em um paradigma colonizador e descontextualizado com os territórios e identidade de homens e mulheres que povoam os espaços geográficos e culturais de nosso país, especialmente do Semiárido Brasileiro – SAB.

Portanto, não nos é estranho que as questões relacionadas ao SAB, estivessem sempre à margem das reais preocupações daqueles que controlavam e manipulavam a rede de saberes e a vida de cada sujeito. As concepções históricas, bem como, as representações sociais acerca de um povo e de seu território são determinantes para sua aceitação no mercado, na religião, na sociedade e principalmente na educação escolar responsável pela mudança ou permanência de ideologias que perpassam e direcionam a nossa visão de mundo e dos sujeitos inseridos nele.

Sacristán (2002) contribui com a reflexão pertinente ao afirmar que:

As representações que alcançamos acerca do mundo (incluindo o social) através das diferentes modalidades de experiência, têm nas relações com os demais (sejam do tipo face a face ou medidas) um veículo mediador decisivo e uma das fontes essenciais do capital cultural que chegamos a acumular ao longo da vida com os demais (p.99).

As representações sociais constituem ainda as expressões do nosso pensamento e linguagem, e dos símbolos daquilo que significamos. Equivalem a nossa visão de mundo e de educação, bem como, uma forma singular de demonstrar nossa rede de saberes construída de acordo com nossas ideologias e vivências.

De acordo com Silva (2010) a colonização brasileira transcendeu os limites territoriais, pois através do paradigma colonizador as pessoas ficaram alienadas e passaram por um processo de desumanização cuja característica principal era a desvalorização dos saberes e

domesticação dos corações. Os discursos colonizadores além de tentar homogeneizar as culturas também buscaram normalizar as concepções e práticas de superioridade e inferioridade, naturalizando as desigualdades sociais existentes no país. Por meio da formação as pessoas desenvolvem suas capacidades intelectuais, físicas, culturais. Contudo, é principalmente a capacidade humana de construção e reconstrução de seus saberes, no âmbito acadêmico, escolar e social, que deve ser desenvolvida, pois é por meio dela que os indivíduos poderão viver e aprender a conviver com toda a diversidade existente em nosso meio.

Neste sentido, partindo da premissa que enquanto seres de aprendizagem contínua precisamos buscar alinhar a teoria à prática, realizamos uma visita acadêmica¹ na COOPERCUC² com sede em Uauá-Ba, a qual possibilitou redirecionamentos em nossas concepções de forma que pudemos desconstruir algumas representações sociais que tínhamos em relação à convivência com o SAB no sertão baiano. A partir dessa experiência conseguimos identificar na prática muitas potencialidades do sertão que por questões ideológicas são pouco difundidas nas escolas, na mídia entre outros espaços. A atividade de campo que resultou neste trabalho teve como objetivo analisar as representações sociais do semiárido a partir das experiências vivenciadas pela COOPERCUC.

Desenvolvimento

Uma análise histórica possibilitará percebermos que durante muito tempo representações sociais obsoletas e estereotipadas predominaram nos meios escritos, orais, audiovisuais quando faziam referência ao semiárido. Martins (2006) posiciona-se nesse contexto afirmando que:

Portanto a constatação mais corriqueira é a de a educação escolar que se dirige aos vários pontos da imensidão do território brasileiro, é uma educação descontextualizada e, por sê-lo, é também colonizadora, ou seja,

¹ Visita realizada em Maio/2015 pelos mestrandos do Programa de Pós-graduação – Mestrado em Educação, Cultura e Território Semiárido - PPGESA-UNEB, Campus Juazeiro.

² Criada em 2004, a Coopercuc - Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos e Uauá é formada por 204 cooperados, em sua maioria mulheres, que produzem deliciosos doces e geléias a base de frutas nativas do sertão. Através da linha Gravetero, a cooperativa comercializa seus produtos nos mercados mais sofisticados do Brasil e exporta para Itália, França e Áustria. <http://www.coopercuc.com.br/quem-somos/nossa-historia/>



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

ela se dirige hegemonicamente de uma determinada realidade – atualmente majoritariamente esta realidade é a do sudeste urbano do Brasil – e, a partir desta “sua realidade” e de uma narrativa pronunciada por um tal sujeito universal e abstrato denominado “nós brasileiros”, ela toma todas as outras realidades que compõem a imensa diversidade brasileira, como sendo seus “Outros”: “eles”, “aqueles” que estão “lá” e devem ser integrados à sua narrativa.(p.03)

Destarte, é pertinente ressaltarmos que comumente o significado de semiárido é vinculado à questão climática e geográfica, uma vez que no Nordeste o baixo índice pluviométrico e pequena quantidade de mananciais aquíferos têm sido características marcantes neste contexto. Uma representação genérica cotidianamente gerenciada pelos meios midiáticos em relação ao semiárido é a associação deste à seca. Nesta abordagem são criadas estéticas da seca conduzindo nossa imaginação à construção de significados embutidos de uma carga emocional que comove as pessoas diante das situações flageladas. Carvalho (2006) ressalta que:

O Semiárido Brasileiro apresenta uma diferenciação ecológica marcante, que na verdade é mais uma ‘colcha de retalhos’, do que um espaço homogêneo e olhado apenas a partir das condições climáticas, leia-se semiárida, e tal aspecto foi desconsiderado na perspectiva dos processos econômicos. (p.02).

Reservatórios vazios, gado morto, folhas amareladas e secas pelo chão, pés rachados, crianças desnutridas, animais famintos, urubus sobrevoando as pequenas casas são exemplos das imagens que tentam demonstrar uma suposta tragédia que é viver no Nordeste. Inclusive, muitas dessas imagens são utilizadas no processo de ensino aprendizagem e reproduzidas como verdades, crenças que inconscientemente se perpetuam nas práticas docentes.

As áreas semi-áridas do Nordeste têm sido marcadas pela geografia da fome e da insustentabilidade econômica, estereotipadas, deturpadas e apropriadas nas imagens da mídia em tempos de seca, principalmente. Reconhecer a existência de uma “região pobre” dentro de um país é reconhecer as disparidades econômico-sociais de um determinado espaço geográfico submetido à dinâmica da acumulação capitalista. A “problemática regional” do Semi-árido é um produto sociocultural das disparidades geográficas no processo de desenvolvimento econômico capitalista, vale dizer, empreendidas com maior “rigor” em países periféricos, como no caso do Brasil. (idem. p.07)



Na compreensão de Silva (2010) um dos grandes problemas relacionados às representações negativas existentes em relação ao SAB foi a educação descontextualizada que ainda predomina em todos os níveis de educação, inclusive no Ensino Superior. Para o autor, muito pior que a dureza do chão enrijecido pela falta de chuva, é a “aridez mental” que não torna permeável o terreno conceitual e ideológico de muitas pessoas que insistem em propagar concepções equivocadas e preconceituosas sobre o SAB.

A visão de mundo e o pensamento que instituíram o SAB como “região-problema” têm origem na ciência moderna, que viabilizou a consolidação do capitalismo a partir dos séculos XVI e XVII, e nos legou o paradigma clássico de inovação que penetrou e condicionou a natureza e dinâmica da “educação universal” que temos, mas que não queremos e devemos superar. (SILVA, 2010, p.03)

Sabemos que as representações sociais são elaboradas socialmente, ou seja, é um produto coletivo que interiorizamos de forma individual em nossa consciência ao longo da formação humana. Ela faz parte da personalidade das pessoas, ou melhor, dizendo daquilo que condiciona e potencializa a vida. Serve como referência para nos orientar. Por isso, as representações sociais sobre semiárido influenciam diretamente na prática educativa e nas concepções que são propagadas nas escolas, universidade e demais espaços de formação.

A pesquisa e a abordagem com enfoque nas representações sociais podem ser consideradas elementos indispensáveis para melhor compreender nossa sociedade e conseqüentemente a educação. Seu conceito teve primícias com o psicólogo francês Moscovici (2006), que no século XX discorria sobre esse fenômeno.

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam continuamente através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem dum lado à substância simbólica que entra na sua elaboração e por outro lado, à prática específica que produz essa substância do mesmo modo como a ciência ou o mito correspondem a uma prática científica ou mítica (p.40-41).

É pertinente afirmarmos que as representações sociais, não são estagnadas; pelo contrário, estão continuamente passando por um processo de construção e re-construção de

forma inteiramente dinâmica e dialética. Entretanto, quando as cristalizamos, causamos um regresso em nossa prática que permanece inerte ante aos fenômenos sociais

Procedimentos metodológicos

Optamos em nosso estudo pela pesquisa com abordagem qualitativa já que este é um recurso que permite atingir o conhecimento dos fenômenos humanos e culturais; e, por ser, nesse sentido, específica daqueles que realizam pesquisas de ordem social e educacional. A pesquisa qualitativa possui características peculiares aos fatores sociais por entronizar estudos da diversidade, cultura, educação e etc. Sendo que tais fatores representam o elo entre nossa proposta de estudo sobre representações sociais e a opção por este tipo de pesquisa. Portanto, percebe-se a pertinência dos paradigmas qualitativos na tentativa alcançarmos nosso objetivo elucidando maiores compreensões das representações sociais. Nesse sentido Dotta (2006) destaca que: "A pesquisa que envolver representação social, estando comprometida com situações sociais naturais e inegavelmente complexas, é necessariamente uma pesquisa qualitativa..." (p.45).

Buscamos desenvolver um trabalho com viabilidade de execução diante dos pressupostos metodológicos acadêmicos de forma que nosso problema de pesquisa pudesse ser respondido, pois assim afirma (BOURDIEU, 1989, p.20): "É preciso saber converter problemas muito abstractos em operações científicas inteiramente práticas – o que supõe, como se verá, uma relação muito especial como o que se chama geralmente de <<teoria>> ou <<prática>>". Utilizamos como instrumento de coleta de dados a observação participante que segundo Ludke e André (1986):

(...) a observação é o método mais adequado para investigar um determinado problema, o pesquisador depara ainda com uma série de decisões quanto ao seu grau de participação no trabalho, quanto à explicitação do seu papel e dos propósitos da pesquisa junto aos sujeitos e quanto à forma da sua inserção na realidade (...) (p.27).

Através das rodas de conversas com registros no diário de bordo, conseguimos estabelecer maiores aproximações com os sujeitos envolvidos na pesquisa e assim identificar suas representações sociais sobre a convivência com o SAB. "A ciência social está sempre exposta a receber do mundo social que ela estuda os problemas que levanta a respeito dele:

cada sociedade, em cada momento, elabora um corpo de problemas sociais tidos por legítimos, dignos de serem discutidos (...)" (BOURDIEU, 1989, p.35). Essa afirmação pode fundamentar o problema da educação contextualizada que tem se tornado nos últimos anos, uma emergência social, cultural e política no contexto de nossa nação. Sendo alvo de estudos e pesquisas científicas nas diversas áreas do conhecimento, principalmente a educação.

Coopercuc: experiência do bem viver no sertão

O espaço visitado foi a Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos e Uauá - Copercuc, cuja fundação embora tenha registro em 2004, teve as primeiras mobilizações no ano de 1997 por um grupo de agricultores agricultoras familiares, no anseio de aprofundar as discussões sobre a possibilidade de melhorar a alimentação das famílias sertanejas e garantir concomitante a isso, alternativas de geração renda com uma proposta contextualizada de educação para os envolvidos no projeto. Foi uma proposta norteadas pela perspectiva do desenvolvimento local e sustentável, colaborando para o aprimoramento da agricultura familiar visando à produção ecológica.

Por meio da Coopercuc, foi criada uma linha de produtos tendo como base os frutos nativos da Caatinga, entre eles o umbu e o maracujá do mato. Outras frutas como a manga, o maracujá convencional e a goiaba. Desde sua fundação, foram construídas 15 mini-fábricas nas comunidades e uma central em Uauá. A cooperativa atua estabelecendo parcerias e novos negócios nos níveis nacionais e internacionais³.

A formação dos trabalhadores acontece através de capacitações e intercâmbios, aprimorando seus conhecimentos possibilitando a troca de experiências, bem como, o acesso às tecnologias e estratégias de produção e comercialização. "Os movimentos sociais mostram caminhos possíveis a partir de situações vividas, concretas". (CARVALHO, 2012, p.55)

Através de observações e conversas com uma das representantes da Coopercuc, fomos informados que as vendas são realizadas no atacado e varejo. O Pólo fabril de Uauá tem uma estrutura que dá suporte para as demais mini-fábricas existentes. Um dos aspectos observados é que para a produção dos derivados do Umbu⁴(doces, compotas, geleias, cerveja) são

³ Segundo representante da Coopercuc, atualmente a exportação não está sendo viável em virtude de problemas estruturais.

⁴ Do Tupi Guarani, Ymb-u, ou "árvore que dá de beber", que resistem a secas e intempéries. Mas não ao descaso

utilizadas para o cozimento da fruta que acontece em grandes caldeiras, a Algaroba⁵ (madeira abundante no sertão economicamente viável para a produção). Algo muito significativo que observamos neste espaço de educação contextualizada e convivência como SAB foi a presença predominante de mulheres em todas as etapas de produção, administração e capacitação comunitária. Sabemos que historicamente as mulheres foram excluídas socialmente, sendo que tal aspecto não se fazia diferente nos territórios do sertão.

Constatamos que houve uma quebra de paradigma na estrutura machista ainda muito presente no Nordeste, pois as mulheres agricultoras da Coopercuc têm assumido lutas por maiores qualidade de vida, bem como, busca contínua por políticas públicas que ajudem na manutenção de projetos e atividades de sua rotina cotidiana. Estas mulheres têm saído do anonimato e tornado-se protagonistas da história. O contato com todo o saber das agricultoras e a experiência exitosa da Coopercuc, com mais de 10 anos de serviços prestados às comunidades evidencia-nos uma forma diferenciada de convívio com os meios naturais. Estes de forma sábia têm feito a reapropriação social da natureza. Neste sentido Carvalho (2012) contribui com a reflexão ao destacar que:

Os povos não só estão rejeitando as políticas neoliberais que geram exploração econômica, marginalização política, segregação cultural e degradação da natureza, mas também apontando outras/novas possibilidades para a construção de uma nova racionalidade. Os povos especialmente os excluídos e periféricos dessa globalização perversa buscam a construção e legitimação de suas territorialidades. Para tanto, se mobilizam em diferentes formas de resistência, na tentativa de reorganização societária. (p.54).

O trabalho desenvolvido possibilitou-nos romper com os estereótipos e representações sociais construídas em relação à imagem distorcida sobre o SAB, como região difícil, seca, sofrida. “É um ponto de vista, ao mesmo tempo, real e ideológico, que muitas vezes serve para que se atribua à natureza problemas políticos, sociais e culturais, historicamente construídos”. (MALVEZZI, 2007, p.11). Na concepção de Carvalho (2014):

e maus tratos dos homens. Felizmente umbuzeiros centenários têm sido explorados e multiplicados de forma sustentável pela Cooperativa. <http://www.coopercuc.com.br/quem-somos/nossa-historia/>.

⁵ Algaroba é o nome dado ao fruto da algarobeira, planta largamente difundida e cultivada na região do semi-árido do Nordeste Brasileiro. Cientificamente, pertence à família Leguminosae, subfamília Mimosoideae sendo conhecida por 44 espécies. Ela é utilizada para a produção de madeira, carvão vegetal, estacas, álcool, melão, alimentação humana e animal, apicultura, reflorestamento, ajardinamento e sombreamento, tornando-se uma cultura de valor econômico e social. <http://www.portaleducacao.com.br/nutricao/artigos/43890/algaroba-na-alimentacao-humana#ixzz3givmeOoq>.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Muitas representações sociais dessa territorialidade fazem-se presentes em imagens e discursos pejorativos, negativos e preconceituosos para com a natureza, o território e as gentes do sertão semiárido. No entanto, a ideia-projeto ‘Convivência com o Semiárido Brasileiro’, por meio de práticas e metodologias educativas e organizacionais contextualizadas tem ressignificado o sentido de pertencimento e das condições de mundaneidade sertaneja. (p.13-14)

Sabemos que uma das práticas mais difundidas pelos militantes e educadores pela convivência como SAB é a cultura do guardar. Essa proposta foi visualizada na Coopercuc como ação rotineira dos agricultores que colhem os frutos no tempo propício e a partir daí fazem os processos para armazenamento das polpas de forma que tenham condições de trabalhar durante todo o ano. “...a cultura do guardar presente nos princípios da Convivência, é uma dimensão da ética da prudência para o percurso do bom uso da natureza semiárida” (CARVALHO, 2014, p.02). Esta proposta se dá em virtude dos ciclos naturais existentes no território do SAB, os ciclos com água e os secos.

Partindo do pressuposto de que as mobilizações sociais impulsionam o crescimento e desenvolvimento dos homens e mulheres existentes nos semiáridos brasileiros, observamos que há em Uauá e região o anseio por parte de agricultores e agricultoras de mostrar as potencialidades dos SAB e a necessidade de militância por direitos humanos que garantam maior qualidade de vida.

Embora os índices de crescimento e desenvolvimento mostrem avanços na Região Nordeste, percebemos que ainda precisamos de muitos investimentos e políticas públicas para garantir uma equidade em relação às demais regiões do Brasil. Um dos discursos existentes para justificar as mazelas provocadas nos territórios semiáridos é o baixo índice pluviométrico. Em Uauá essa realidade não é diferente. Conforme Malvezzi (2007):

Água é poder. O controle da água, associado ao controle da terra, resulta na sociedade nordestina que conhecemos. Nessa região, o controle da terra, da água e da saúde pública é o fundamento do poder das oligarquias nordestinas, antigas e modernas, sobre uma população que não tem conseguido sair da miséria. Assim também é com a água. Desde que começaram a surgir grandes obras de armazenamento de água na região Semi-Árida, ela também está apropriada, seja dentro de propriedade privadas, seja dentro de mananciais que não têm adutoras para conduzir essa água até as populações mais necessitadas. (p.62).



Dessa forma, percebemos que o problema não é a falta de água, mas a falta de estrutura e interesse principalmente político. Um dos aspectos que tem contribuído com a proposta, é a participação popular, meio eficaz de mobilidade social que vem tentando melhorar a situação de vida dos representantes. Apesar de ainda prevalecer a representação social de que os solos do semiárido são secos e inférteis, os agricultores tem buscados alternativas coerentes para conviver com a realidade climática natural.

Uma vez seguindo a compreensão de que a natureza semiárida na contemporaneidade tem diferentes compreensões marcadas, por sua vez, pelas diferentes racionalidades. Dentre essas, elenca-se como objeto, a “Convivência com o Semiárido Brasileiro”. Uma ideia-projeto que inova, impulsiona e direciona os movimentos e organizações sociais populares para a ressignificação da semiaridez e, também, para a reapropriação social da natureza. (CARVALHO, 2014, p.02)

As alternativas para conviver com os longos períodos e estiagem no semiárido tem possibilitado trabalhos emancipatórios no processo de gestão e controle social. Destarte, nos questionamos: como pensar em emancipação social se não há as políticas necessárias para a concretização desse plano? Com o trabalho de formação e ampliação do capital social, os moradores de Uauá e região têm redesenhado suas territorialidades em um processo contínuo de conquistas, estas por sua vez, causam mudanças que visam atingir as estruturas atuais. Ao longo da roda de conversa com os agricultores executores da Coopercuc, tivemos acesso a muitas informações pertinentes à convivência como SAB.

Considerações finais

Compreendemos que a educação contextualizada foi e é socialmente produzida diante da necessidade do rompimento com o paradigma dominante de educação que ainda vivenciamos em nossa região e no Brasil como um todo. Estamos vivenciando um período em que a educação contextualizada deixou de ser um problema específico e particular do semiárido nordestino, para atingir uma abrangência maior tornando-se neste sentido, um problema social que ultrapassa os limites territoriais geográficos de nossa região perpassando todo o Brasil.



A universidade é um espaço propício para a construção e reapropriação do conhecimento. Neste processo somos instigados a rever nossas representações sociais que são influenciadas pelos contatos teóricos e práticos ao longo da formação. Temos vivenciado na contemporaneidade um movimento emancipatório no processo educacional, especialmente nos territórios dos semiáridos nordestinos. As vivências acadêmicas, empíricas, populares tem contribuído para nossa ressignificação de convivência neste território que ao longo da história foi estigmatizado como lugar ruim para viver. Através da prática vinculada à teoria tivemos a oportunidades de conhecer experiências, projetos e pessoas que vão de encontro à cultura ditada pelo capitalismo, e colonialismo opressor. Precisamos de com urgência promover uma educação decolonizadora. Fomos instigados a pensar sobre nossa existência e nossa condição de sujeitos no semiárido, partindo da premissa que viver no SAB é possível!

Referências

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel/Rio de Janeiro-RJ: Editora Bertrand Brasil, 1989. 311p.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **A emergência da lógica da “Convivência Com o Semi-Árido” e a construção de uma nova territorialidade In: Educação para a Convivência com o Semi-Árido: Reflexões Teórico-Práticas**. Juazeiro/BA: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semi-Árido, Selo Editorial-RESAB, 2006.

_____. **Ressignificação e reapropriação social da natureza: Práticas e programas de „convivência com o semiárido” no território de Juazeiro (Bahia)**. São Cristovão, SE, 2010.

_____. **A Cultura do Guardar na Convivência com o Semiárido: Uma Ética do Bom Uso da Natureza**. Anais do 2º Seminário Internacional de Ecologia Humana. Volume 1, Número 1. Salvador: EDUNEB, 2014. Disponível em: <https://sites.google.com/site/nectasecologiahumana>

DOTTA, Leanete Teresinha Thomas. **Representações sociais do ser professor**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

FRANCO, Maria Laura Pluglisi Barbosa. **Representações sociais e desenvolvimento da consciência**. PUC, São Paulo, Cadernos de Pesquisa, V. 34, N. 121, p.169-186, Jan/Abr. 2004.



LUDKE, Menga de A. e ANDRÉ Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU; 1986.

MALVEZZI, Roberto. **Semiárido - uma visão holística**. – Brasília: Confea, 2007. Disponível em: <http://www.agrissustentavel.com/doc/Semi-arido.pdf>

MARTINS, Josemar da Silva. **Anotações em torno do conceito de Educação para a Convivência com o Semi-Árido**. In: Educação para a Convivência com o Semi-Árido Árido: Reflexões Teórico-Práticas. Juazeiro/BA: Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semi-Árido, Selo Editorial-RESAB, 2006.

MOSCOVICI, Serge Psychologie sociale. Paris: Presses Universitaires de France, 1984. P. 357-378. In: SPINK, J. (org.) **O Conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1995. In: DOTTA, Leanete Teresinha Thomas. Representações sociais do ser professor. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

SACRISTÁN, J.Gimeno. **Educar e conviver com a cultura global: as exigências da s cidadania**. Tradução de Emani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SILVA, José de Souza. **Aridez mental, problema maior: contextualizar a educação para construir o 'dia depois do desenvolvimento' no Semi-Árido Brasileiro**. In: Seminário Nacional sobre Educação contextualizada para a Convivência com o Semi-Árido. Campina Grande, Embrapa/INSA, 2010.